

A ONDA ANTI-INTELLECTUALISTA EM TEMPOS DE CORONAVÍRUS: REFLEXÕES FILOSÓFICAS DURANTE A PANDEMIA

*José Pascoal Mantovani**

RESUMO

Este artigo busca investigar o movimento anti-intelectualista e seus impactos contemporâneos durante da Pandemia do Coronavírus. Sabe-se que o Covid-19 vem deixando um lastro de mortes, destruição e colapso social. Os discursos resolutivos por parte da Federação fincaram-se em pressupostos pouco ou nada científicos e acadêmicos, dificultando estratégias efetivas de enfrentamento diante os problemas que foram suscitados e aqueles potencializados pela Pandemia. Assim, os objetivos deste artigo versam em apontar o impacto do conservadorismo e do totalitarismo, ambos vetores que dão força as ondas anti-intelectuais. O resultado está em torno da interpretação dos fenômenos sociais potencializados por narrativas políticas em relação à Pandemia do Covid-19. Buscaremos, como hipótese, mostrar que as consequências da Pandemia poderiam ser melhor enfrentadas caso a postura política atual não potencializasse a descrença nas produções acadêmicos e trabalhos científicos.

Palavras-chave: Covid-19. Anti-intelectualismo. Filosofia.

ABSTRACT

This article presents how the Coronavirus Pandemic explained the crisis surrounding anti-intellectualism. It is known that Covid-19 left a ballast of death, destruction and social collapse, but the resolute speeches, mainly on the part of the Federation, were

* Doutor em Educação, Mestre em Ciências da Religião, graduado em Teologia e Filosofia. email: prof.pascoalmantovani@gmail.com

based on unscientific or not academic assumptions, hindering coping strategies in the face of Pandemic. Thus, the objectives of this article seek to point out the impact of conservatism and totalitarianism, vectors that solidify the anti-intellectualist waves, especially with regard to the propositions facing Pandemic. The bibliographic and hermeneutic methodology were the basis for the construction of this article. The result is around the interpretation of social phenomena enhanced by political narratives in relation to Covid-19. It is concluded, therefore, that the consequences of the Covid-19 Pandemic could be less if the political posture did not enhance the disbelief in academic productions and scientific works of credibility and depth.

Key-words: Covid-19. Anti-intellectualism. Philosophy.

INTRODUÇÃO

Enquanto houver espíritos insurgentes haverá perspectivas heterotópicas¹, ou seja: a pauta crítica sobre as estruturas vigentes devem permanecer de modo que se mensure os espectros destrutivos que se consolidam e perpetuam a lógica da necropolítica². Nessa direção, este artigo apresenta o quanto a onda anti-intellectualista tem corroborado para a perpetuação da inópia crítica.

A onda anti-intellectualista que acomete o cenário brasileiro, e não somente ele, carrega paralelismo antagônico, isto porque, se de um lado existem discursos de ódio contras às Universidades, bem como aos/às pensadores/as que não se moldam a ideologia dominante, por outro lado, há tendência em fazer outro tipo de ciência, ou seja, é necessário justificar o injustificável e, para tanto, além dos apelos celestiais e eclesiológicos, usa-se a premissa de “pesquisas científicas”, as quais estão com a pretensão de atender demandas específicas,

¹ O conceito de Heterotopia é desenvolvido por Foucault no texto *Os anormais*, São Paulo: Martins Fontes, 2010. A ideia que pautará nossa reflexão neste artigo é a ideia de espaço alternativo, inconcluso, à fazer, em aberto, no qual o sujeito é inteiramente protagonista em sua jornada, de modo que as alternativas são imensuráveis, invertendo, portanto, a noção de utopia.

² Não é o intento deste artigo desenvolver e aprofundar, entretanto, o que se entende por necropolítica aqui é os meios pelos quais a morte é efetivada, legalizada e normalizada na contemporaneidade. Como fundamentação teórica está o texto *Necropolítica* de Achille Mbembe.

sem compromisso com a verdade. Nesse jogo vale tudo, até mesmo pesquisas quantitativas que analisam uma parte pífia da população com o intento de universalizar o particular do espírito dominante.

Como exemplo, pode-se usar a pesquisa feita com o amianto³, um mineral reconhecido como cancerígeno, mas que tem um mercado potencial na Europa. Após a justiça paralisar os trabalhos em uma indústria que extraia amianto, os donos desta instituição pagaram um pesquisador de uma das melhores universidades públicas brasileiras para descobrir se o amianto era danoso ou não à saúde humana. O que foi constatado é que, de fato, o amianto é perigoso para a saúde, contudo, se os trabalhadores utilizassem roupas específicas, determinado material de proteção, eles poderiam manusear o amianto e, assim, os riscos, segundo a pesquisa, diminuiriam.

A grande descoberta não foi do potencial do amianto, mas a justificativa injustificável para atender as demandas do mercado. Algo semelhante aconteceu no início do ano 2020 com as pesquisas em torno da hidroxicloroquina, que foi enaltecido como possível antídoto contra o Covid-19, respondendo aos intentos mercantilistas, mas que o desdobrar das pesquisas demonstraram a periculosidade desta droga e sua ineficiência em relação ao tratamento do Covid-19. Ainda que haja pesquisas sérias destacando a ineficiência da cloroquina, ainda existem narrativas em pró desta droga⁴.

O impacto que a Pandemia do Coronavírus trouxe para o mundo no século XXI ainda será contabilizado. Mais do que extirpar vidas, existiram outros impactos que modificaram, significativamente, os axiomas estruturantes das sociedades, os diálogos e acordo políticos, bem como os relacionamentos humanos em sua esfera pública e privada. O que vale destacar neste artigo são alguns fatores que o Covid-19 trouxe à tona: a calamidade referente ao sucateamento da saúde pública; o abis-

³ CIDADE TENTA REATIVAR PRODUÇÃO DE AMIANTO, HOJE PROIBIDO PELO STF. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/7610003/> acesso em 10 de maio de 2020.

⁴ NOVOS ESTUDOS NÃO DEMOVEM GOVERNO BRASILEIRO DE RECOMENDAR CLO-ROQUINA Disponível em <https://www.metropoles.com/brasil/novos-estudos-nao-demovem-governo-brasileiro-de-recomendar-cloroquina> acesso em 4 de novembro de 2020.

mo na formação básica ao que se refere as escolas públicas e privadas; a reificação que acompanha o sujeito contemporâneo, ao passo que a existência do indivíduo está diretamente vinculada a sua capacidade produtiva; a discrepância da forma de lidar com a pandemia presente nas classes médias e altas em relação a classe baixa e os mais vulneráveis a marginalização.

Outros pontos poderiam ser elencados, entretanto a ideia deste texto é apontar como a onda anti-intelectualista tem se fortalecido em tempos de pandemia. Para tanto, optou-se em delimitar a discussão nas seguintes seções: (i) destacar como o conservadorismo impactou significativamente na constituição imagética e axiológica do sujeito contemporâneo e como este fator avolumou-se em tempos de pandemia; (ii) introduzir a força dos discursos totalitários em tempos de pandemia. Por fim, espera-se destacar que o enfrentamento diante da Pandemia Covid-19 poderia ter outros resultados se as narrativas não fossem polarizadas ideologicamente e preservassem a seriedade típica das pesquisas científicas e produções acadêmicas.

1. OS CONSERVADORISMOS E A PANDEMIA

Discursos conservadores têm ganhado espaço em todo cenário global. Nações que enfrentaram a luta contra a segregação e eugenismo, veem, em pleno século XXI, discursos conservadores ganhando lugar de destaque na vida pública. Diariamente saltam novos adeptos e apologistas conservadores. Diante da pandemia do Covid-19, viu-se muitas narrativas em torno de um espírito obsoleto, não só ao que se refere ao trato com a saúde, ao campo religioso, também as estruturas familiares típicas da contemporaneidade.

O tema do conservadorismo tem aportes singulares na abordagem foucaultiana. Edgarbo Castro, por exemplo, destaca que “o nazismo e o fascismo não teriam sido possíveis sem que uma porção relativamente importante da população se encarregasse das funções de repressão, de controle, de política. Nesse sentido, o conceito de ditadura aplicado a tais fenômenos é relativamente falso” (2016, p. 168), deste modo: a população se encarregou de sustentar uma ideologia destrutiva.

Nessa direção, há tangência com a perspectiva da Arendt (1973) que enfatiza que a originalidade do totalitarismo está na maneira como

as grandes massas absorvem e legalizam as mais diversas monstruosidades. As preocupações das grandes massas são limitadas aos anseios individualistas, essa relação estranha entre coletivismo e egocentrismo é o eixo de uma sociedade em potencial fascista, portanto, totalitarista. Na perspectiva foucaultiana, os regimes totalitários conseguiram manipular bem esses pontos, pois, segundo Foucault, o totalitarismo “soube utilizar tão bem o desejo das massas, mas também o fascismo que está em todos nós, que habita nossos espíritos e nossas condutas cotidianas, o fascismo que nos faz amar o poder, desejar essa mesma coisa que nos domina e nos explora. (FOUCAULT, 2009, p. 134). Estes entornos ficaram explícitos em tempos de Pandemia.

Há, segundo o filósofo, um fascista ou enrustido ou silenciado ou em potencial em cada sujeito. Ainda que se saiba que o totalitarismo busca eliminar os estranhos e estabelecer a homogeneização da “*pólis*”, que segue tendências absolutistas a qual não permite espaço para o contraditório, o totalitarismo tem como característica sedutora os discursos que trazem a dimensão funcional, utilitarista e pragmática. Todos estes entornos do enunciado totalitário consolida o espírito conservador, os quais se revelaram nas mais diversas estruturas no período da Pandemia.

A pandemia revelou o quanto o conservadorismo se mantém em uma sociedade que está entorpecida pela acepção moralista. Só faz sentido pensar o conservadorismo quando se tem medo de alterar as estruturas dogmatizadas e cristalizadas que estão acomodadas ao “*nómos*” vigente. O conservadorismo, para se manter, precisa de uma narrativa que esteja envolta ao tecido do medo em descobrir as incoerências e insustentabilidades que um sistema possui. O conservadorismo tenciona o espírito filosófico, ao passo que é, fundamentalmente, a força que rebate a essência do espírito filosófico que é questionador, incapaz de ser enclausurado e aberto as novidades e variedades típicas do próprio devir. O conservadorismo só faz sentido em um mundo que não tolera e admite o devir humano. O espírito conservador mantém o sujeito em zona de conforto, pois, o invisível passa a ser perceptível, e o totalmente outro, demonstra, além dos seus dissensos, o consenso da existência.

A frase célebre de Bertold Brecht se articula bem com este cenário: “Do rio que tudo arrasta se diz que é violento. Mas ninguém diz violentas as margens que o comprimem”. A terrível naturalização do que é construído culturalmente é um fenômeno empobrecedor para o ser humano. As origens destas cadeias existenciais estão para além da superficialidade do senso comum. O conservadorismo está restrito a perspectiva unidimensional descrita por Herbert Marcuse (1973), que se sustenta na racionalidade tecnológica e na lógica da dominação, restringe o sujeito tanto a um cosmo monossêmico como monofônico.

O espírito conservador fundamenta-se em valores atemporais, axiomas perenes, logo, o sujeito é submetido ao sistema, que, para se manter, solapa qualquer variação contingencial que possa aparecer. Na verdade, a lei da conveniência é que impera, pois ao mesmo tempo que se defende a premissa de um paradigma familiar tido como tradicional – com a justificativa que isto é um valor inquestionável – por outro lado, promove-se uma cultura econômica de exploração até as últimas consequências com pessoas vulneráveis a exclusão social. Entretanto, a vida e direito destas vítimas não são ponderadas, mas, sim, uma economia liberal que apresente resultados significativos e garantam a manutenção do mercado.

A conveniência se adequa ao imagético da necrofilia⁵ que sustenta um ideário pior que o maquiavélico, pois não são apenas os fins que justificam os meios, os fins são bem específicos, delineados, precisos. Estes fins possuem CNPJ específico e nome fantasia midiático. O conservadorismo se sustenta, entre outros pontos, no etnocentrismo, o qual

⁵ O conceito desenvolvido neste artigo sobre necrofilia não está relacionado a noção de atos sexuais com corpos mortos (como habitualmente se traduz). A proposta, aqui, é apresentar outro sentido para este termo, ou seja, o amor (filia) a morte (necro). Diferente da noção da necropolítica que se dá partir de aparelhos prescritivos que se colocam como balizadores dos corpos que podem ou não viver, a proposta da necrofilia esta associada diretamente a composição ideológica que são estruturantes nas composições culturais, bem como em suas práticas e técnicas de morte as quais se perpetuam de modo sistemático na contemporaneidade. A necrofilia, portanto, carrega aspectos sofisticados sem sua composição conceitual, pois sua constituição está atrelada, por um lado, à composição da subjetividade do indivíduo que normaliza, beatifica e justifica práticas de morte, e por outro lado, o aspecto legislativo que legaliza tais práticas.

abarca a sexualidade adequada, a religião aceitável, a conduta esperada. O roteiro é pré-estabelecido, e o considerado “cidadão de bem” está cativo a essa epopeia escrita pelo divino. O conservadorismo se sustenta sobre a égide fascista escondida e em potencial em cada indivíduo. O que se esquece é que da mesma forma que não existem fatos eternos, não existem verdades intocáveis. O impacto dos meios de comunicação em massa na legitimação do discurso conservador é assustador. Além do sensacionalismo presente no manuseio das informações, a profissionalização na produção de notícias que não correspondem à realidade é impressionante. Esses elementos estão em harmonia com o pressuposto totalitário que será destacado a seguir.

2. OS DISCURSOS TOTALITÁRIOS EM TEMPOS DE PANDEMIA

O totalitarismo é sustentado por uma estrutura coerente, a qual justifica o injustificável porque não representa, apenas, a voz do déspota, mas é eco de parte significativa da nação (ARENDT, 1973). A aura totalitária é sedutora, não porque viabiliza espaços para dissensos, mas porque legitima a necrofilia a partir de consensos. A postura autoritária é marcada pelo domínio pleno de um déspota, facção, ou grupo político (ou, no caso brasileiro, de uma família). Esse aspecto ficou evidente em tempos de pandemia, pois todas as articulações políticas de ingerência e interferência circularam em torno da mesma temática: proteção familiar e partidaristas. Os esforços políticos não se concentraram na melhor forma de atacar o vírus, mas sim, de consolidar um estado conservador e totalitário.

O Estado que vive sobre essa égide é marcada pela imposição da vontade de uma pessoa sobre o povo, o qual se vê legitimado pelo impacto da cultura do medo e suas sequelas, a qual foi incentivada pelos pequenos vassalos que dão extensão ao poder arbitrário. O povo se torna refém de uma estrutura sem limites, a qual impacta as dimensões particulares/privadas como as situações públicas/sociais. Outro destaque dos regimes totalitários é a rotulação que a extrema direita faz dos críticos ao sistema vigente, denominando-os de comunistas e marxistas, elegendo-os como inimigos do povo; bem como os regimes totalitários de extrema esquerda rotulam críticos e intelectuais como

imperialistas, fascistas, ligados a velha ordem. Independente do flanco em que o totalitarismo estiver, existe um roteiro pré-definido a ser seguido, entre eles minar as instituições intransigentes, e, ao mesmo tempo, potencializar instituições que estejam alinhadas com as políticas e ideologias do governo.

Nesta lógica, desestabilizar as universidades é a estratégia mais eficiente para manter uma sociedade sob a tutela de um Estado absolutista e totalitário. Não só o ataque as Universidades Públicas, mas também quer se instaurar uma força de dúvida, de rejeição e repulsa as áreas que não são pragmáticas ou extremamente funcionais. Se, por um lado, há o enaltecimento das ciências tecnológicas, por outro lado, a dimensão humana é sucateada ou esquecida, haja vista que o ser humano está resumido em uma dimensão exclusivamente pragmática. Se por um lado há uma nuvem de aparente ordem e progresso, por outro lado, há um breu no horizonte, em que a condição humana foi desgastada. Isso se revela com o dado alarmante da queda das licenciaturas, as quais não têm sido buscadas como profissão do futuro⁶.

Este cenário caótico só se sustenta quando se apropria do álibi da eleição dos seus grandes inimigos, os quais já fazem parte do “*Index*” hodierno, entre eles se pode incluir os mestres da suspeita. Fragmentos freudianos são perceptíveis em uma cultura que tem prazer em nomear, haja vista que nomear, para Freud (2010), é um dos atos mais claros de exercer poder. O inconsciente do sujeito é moldado por um *ethos* patológico.

Para refletir sobre esse tema, vejamos as contribuições de Nietzsche. Nietzsche (2003) estava inserido em um contexto de crise política, social e humana, haja vista que as promessas feitas pelos teóricos iluministas, endossado pelo pragmatismo positivista não deram conta dos dilemas inerentes ao ser humano. Essa crise impactou o todo do sujeito, inclusive a educação. O contexto de Nietzsche carregava al-

⁶ A Educação, em Terras brasileiras, tem experimentado a transformação de direito fundamental e inalienável para a condição de produto no mercado. A Educação é alvo de grandes investidoras notaram o quão lucrativo é a venda de diplomas. Para aprofundar este tema, vale o texto A Escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público.

gumas peculiaridades: “de um lado, a situação de miséria cultural e, de outro, a crença amplamente difundida de que existe a verdadeira cultura” (MARTON, 2006, p. 18). Vale o destaque que a educação vivia uma tensão significativa no período de Nietzsche, pois ao mesmo tempo que a “intenção do ginásio era preparar para a Universidade” (NIETZSCHE, 2003, p. 124), pairava, também, uma cosmovisão sobre a ideia de educação bastante controverso, como destaca Marton:

No final do século XVIII, a cultura tinha de ser criação desinteressada, desligada de intenções utilitárias. Agora, ela está atrelada às exigências do momento, aos caprichos da moda, aos ditames da opinião pública. Antes, o ensino devia ser puro, desvinculado de objetivos práticos. Agora, com a proliferação dos institutos profissionais e escolas técnicas e com o esfacelamento das universidades em cursos especializados, ele converte-se em ensino de classe (2006, p.18).

A suspeita que se tem, a partir do impacto da Pandemia, é que o Brasil vive um período muito semelhante ao século XIX em que a razão instrumental é muito mais benéfica que a razão crítica. Pior, o Estado cria um falso espírito de pertença e de exclusão, o sujeito que está inserido e enformado na opinião reinante é potencializado em relação ao que tem espírito insurgente, que não se submete ao “*nomos*” estabelecido, logo, este é considerado imoral, anormal e esquizofrênico. Constitui-se, portanto, um sentimento de obrigatoriedade coletiva.

A globalização destacada por Bauman (1998) foi, ao mesmo tempo, a responsável por estender o quintal da humanidade, mas, simultaneamente, forjou o cemitério de ilusões. Dito de outro modo, a globalização expandiu os horizontes do sujeito comum da contemporaneidade, de modo que é possível vislumbrar a realidade do mundo a base de alguns poucos cliques, por outro lado, essa aproximação inimaginável proporcionada pela globalização também foi responsável por desconectar pessoas, fragilizar a própria experiência humana de experienciar o viver e suas contingências. A globalização fez do sujeito refém de uma estrutura que, como placebo, proporciona sentimentos fragmentados, transeuntes e efêmeros.

Na perspectiva nietzschiana, não cabe ao Estado ou até mesmo a cultura moldar o sujeito a expectativa social, todavia, ainda que haja

essa tirania silenciosa, cabe à educação potencializar a desconfiança e a inquietude d'alma, não o inverso. Entretanto, quando a Educação se harmoniza com o Estado, está se põe a fazer exatamente o oposto do que se espera dela, como sugeriu Nietzsche:

A educação: um sistema de meios visando a arruinar as exceções em favor da regra. A instrução: um sistema de meios visando a elevar o gosto contra a exceção, em proveito dos medíocres. Visto assim, isto parece duro; mas, de um ponto de vista econômico, é completamente racional. Pelo menos para o longo período em que uma cultura se mantém ainda com sacrifício, onde toda exceção representa um dispêndio de força [algo que desvia, seduz, torna doente, isola]. Uma cultura da exceção, da experimentação, do risco, do matiz – uma cultura de estufa para as plantas excepcionais para que o mesmo o dispêndio se torne “econômico”. (2003, p. 227).

Segundo Nietzsche, a educação tem sido um dispositivo para arruinar a constituição da subjetividade, justamente por propor a construção de um sujeito assujeitado. Vem à tona aquele poema de José Paulo Paes: A torneira seca (mas pior: a falta de sede); a luz apagada (mas pior: o gosto do escuro); a porta fechada (mas pior: a chave por dentro). E nessa onda anti-intelectualista que, semelhante a *Bebelplatz*, absurdos entrem no esquecimento, ou seja: antes de queimar pessoas, se queima livros ou se demonizam ideias.

É tênue a linha que separa a real formação, que não é esdrúxula ou vulgar, de uma formação que almeja conceber sujeitos eruditos e, ao mesmo tempo, antipáticos quanto a si mesmo. Vale o destaque para o que Nietzsche compreende por erudito:

O erudito é um intelectual impulsionado por banalidade, quer dizer, pelos instintos vulgares da massa, razão porque não pode compreender o que é superior, extraordinário, raro, distinto. O erudito é um intelectual que tem uma sensibilidade grosseira, isto é, não refinada, que não se detém diante de nada, de nenhuma coisa, por mais vil que seja; não obstante, sua modéstia não consegue esconder a sua demasiada autoestima, a sua vaidade” (2003, p. 23)

Essa figura do erudito ou do intelectual é duramente criticada por Nietzsche e, posteriormente, por Foucault, justamente porque es-

tes pensadores, sobre o invólucro institucional e academicista, estão a serviço da “máquina global” que ao mesmo tempo que traz todos para um mesmo quintal, põe para fora todos os que não estão sob a mesma lógica. Castro, por exemplo, descreve a identidade do intelectual:

Tradicionalmente, a politização de um intelectual, segundo Foucault, levava-se a cabo segundo dois eixos: sua posição de intelectual na sociedade burguesa e a verdade que trazia à luz em seu discurso. Um intelectual dizia a verdade àqueles que não a viam e em nome daqueles que não podiam dizê-las. (CASTRO, 2016, p. 228)

Foucault destaca qual era a expectativa que o senso comum depositava em torno da figura do intelectual: é aquele que tem a tutela sobre a verdade e é um dispositivo para a perspectiva política. Talvez haja relação direta entre o impacto do intelectual na vida dos sujeitos devido ao alto nível de despolitização na contemporaneidade. A tonalidade da cultura atual é acreditar em verdades convenientes do que refletir sobre o fato em si. Ainda que os fatos sejam explícitos ao que se refere a comprovação empírica do desmatamento e queimadas na Amazônia, a instrumentalidade da existência, bem como a ditadura do mercado – que é movido pela monetarização do ser – estabelece o que é visto como normal: instaura-se a racionalidade da irracionalidade.

Desconfia-se do mundo acadêmico porque: (i) notou-se que, num esforço metonímico e de senso comum, a produção acadêmica está re-fém de uma ilusão que se intitula como a nova revolução copernicana – alimentadas pela imaginação positivas que lançava sobre a ciência toda as expectativas – a qual se auto justifica por meio de narrativas que sustentavam os ideais de ordem e do progresso o desenvolvimento humano seria expressivo (e essa mudança não aconteceu); (ii) o racionalismo, despertado pelo espírito iluminista, revelou-se impotente diante do caos da vida, em que o injustificável se apropria de justificativas aparentemente justas; (iii) os guetos em que os intelectuais se mantiveram durante décadas transformaram seus discursos em opacos ou incompreensíveis para a população, logo, não passam de vozes sofistas e falaciosas; (iv) as resoluções presente nas teodiceias⁷

⁷ O conceito teodicéia está fundamentado na definição de Peter Berger no livro “O Dossel Sagrado” que aponta a forma como o ser humano explica os eventos da sua vida a partir da lógica religiosa.

contemporâneas são mais efetivas do que os grandes compêndios que os teóricos sustentam.

Diante de um panorama labiríntico, qual seria, portanto, a função do intelectual? Na perspectiva foucaultiana, cabe ao intelectual ser aquele que fará um esforço hermenêutico sobre a realidade, ou seja, “Mais brevemente, a função do intelectual consiste em diagnosticar o presente, não em raciocinar em termos de totalidade para formular as promessas de um tempo que virá. (CASTRO, 2016, p. 229). Para Foucault:

A função do intelectual não é dizer aos outros o que têm que fazer. Com que direito o faria? Lembre-se de todas as profecias, promessas, mandatos e programas que os intelectuais formularam nos últimos dois séculos e cujos efeitos se vêm agora. O trabalho do intelectual não é modelar a vontade política dos outros; mas o de, pelas análises que fez nos domínios que lhe são próprios, re-interrogar as evidências e os postulados, sacudir os costumes, as maneiras de fazer e de pensar, dissipar as familiaridades admitidas. Retomar a medida das regras e das instituições e, a partir dessa re-problematização (onde põe em jogo seu ofício de intelectual específico), participar na formação de uma vontade política (onde põe em jogo seu ofício de intelectual específico), participar na formação de uma vontade política (onde tem que desempenhar seu papel de cidadão). (FOUCAULT, 2009, p. 676-677).

Re-interrogar e re-problematizar, nunca solucionar as situações, dito por um viés socrático, é destacar a ignorância que se ignora o quanto se é ignorante. Enquanto os intelectuais brasileiros preferiram fazer uma teoria de escritório, os ideólogos – tidos como pensadores – criavam suas narrativas a partir do mundo vivido. Em postura de resistência, as Universidades se propõem a seguir sua vocação: permanecer como berço dos insurgentes. Vale destacar que, tanto a guerra às universidades como a crescente desconfiança no mundo acadêmico partilham de um campo semântico comum, o qual circula temas como: medo e segurança; poder e força; despolitização e ideologia; e o próprio conservadorismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crise gerada pela Pandemia do Covid-19 demonstrou os verdadeiros valores que movimentam a sociedade contemporânea. As

pesquisas quantitativas se revelaram eficientes ao que se refere ao apaziguamento das interpretações referente as grandes tragédias. Percebeu-se que os axiomas mercantis são venerados por uma ideologia que ao mesmo tempo defende princípios conservadores é tirânica ao propagar narrativas totalitárias. Esses dois aspectos misturados se transformaram em receita eficiente contra as produções científicas e acadêmicas, solidificando, assim, a constituição avessa ao que se produz na acadêmica ou que se responde como ciência.

Os estragos e sequelas provocadas pela pandemia da Covid-19, crise que trouxe a oportunidade para se repensar pontos importantes da sociedade contemporânea. Vejamos alguns pontos: em primeiro lugar, a ciência, bem como todas as pessoas envolvidas com a produção de conhecimento não podem sabotar a profundidade de suas produções epistemológicas. O que se faz em pesquisa deve repercutir no cotidiano, enquanto o dualismo entre acadêmica e realidade persistir, as pontes que unificam estes mundos serão destruídas. Em segundo lugar, a dimensão intersubjetiva deve ser enfatizada e nutrida, a fim de que o princípio ético balize as relações sociais e pessoais. Por fim, o enfrentamento da Pandemia poderia ter tomado rumos bastante significativos se as polarizações e manipulações políticas não corroborassem apenas para a perpetuação de um governo em pleno trilho de desgoverno.

A onda anti-intelectualista impediu que a pandemia fosse abordada de modo holístico, ou seja, a setorização além de estender o prolongamento do impacto mortal sobre vidas, viabilizou a manutenção da decomposição social e aumentou as desigualdades entre as classes. A crise anti-intelectualista em tempos de Pandemia explicitou o quanto o sistema vigente é predador; o quanto o sujeito é acomodado a normalidades desumanas; o quanto o fascismo só precisa de uma pequena justificativa para se rebelar.

REFERÊNCIAS

- ARENDT, H. **A origem do totalitarismo**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.
- BAUMAN, Z. **Globalização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- CASTRO, E. **Vocabulário Foucault**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016.

FREUD, S. **Mal-estar da civilização e outros textos**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos III**: Estética: literatura e pintura, Música e cinema. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2009.

FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos IV**: Estratégia Poder-Saber. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2012

FOUCAULT, M. **Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

MARCUSE, H. **O homem unidimensional**: A Ideologia da sociedade industrial. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

NIETZSCHE, F. **Escritos Sobre Educação**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.